

Jornalistas de destaque: profissionais da imprensa de Belém entre 1840 e 1860¹

Camila Lima GUIMARÃES²
Netília Silva dos Anjos Seixas³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este artigo é resultado de estudo sobre alguns dos jornalistas que atuaram em periódicos expressivos da imprensa paraense entre as décadas 1840 e 1860, utilizando como critério para a seleção desses sujeitos a duração do jornal em que trabalharam e a disponibilidade de acesso aos periódicos para consulta na Biblioteca Pública Arthur Vianna. Selecionados os nomes dos jornalistas e os periódicos nos quais trabalharam, foi realizada uma busca mais aprofundada sobre os seguintes nomes: Honório José dos Santos, Cypriano Santos, Tito Franco de Almeida, Frederico Rhossard, Bento Tenreiro Aranha e Manoel José de Siqueira Mendes. Trata-se de estudo bibliográfico e documental, em que as principais fontes consultadas foram Rocque (1967-1968, v. 1-6), Salles (1992), Cunha (1970) e Barbosa (2010).

Palavras-chave: História da imprensa; Jornalistas; Pará; Amazônia; Século XIX.

Introdução

Esta pesquisa⁴ busca compreender melhor a imprensa paraense nas décadas de 40, 50 e 60 do século XIX, por meio da trajetória dos profissionais que se dedicaram ao jornalismo naquele período em Belém, Pará. Como estudo bibliográfico e documental, foram acessados periódicos e livros escritos pelos próprios jornalistas da época e outros por historiadores ao longo das décadas seguintes, até a atualidade, buscando conhecer um pouco mais da “figura central no processo de transformação da imprensa”, o jornalista (BARBOSA, 2010, p. 11).

Os livros e os periódicos utilizados como fonte de informações para a pesquisa oferecem indícios de uma realidade de outrora, vestígios, como define Barbosa (2010).

¹ Trabalho apresentado no GP de Jornalismo da XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do 5º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPq do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”. E-mail: camilaguimaraes120@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, e-mail: netilia@uol.com.br.

⁴ Este artigo é resultado de estudo realizado no projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, apoiado pelo CNPq, Edital Universal MCTI/CNPq N° 14/2012.

Trabalhamos na mesma perspectiva da autora, quando afirma que “a história da imprensa que vamos contar não tem a pretensão de trazer o passado, de maneira integral, para o presente. Não se trata também de achar que a interpretação que fazemos é única e definitiva. Ela é apenas uma das possíveis” (BARBOSA, 2010, p. 11).

É nesta perspectiva que abordamos a história de alguns dos profissionais que trabalharam em periódicos expressivos daquele tempo, do ponto de vista da duração e da disponibilidade de acesso dos jornais para análise. Assim, o trabalho se inicia com o levantamento do seguinte panorama, onde foram identificados quarenta e três nomes de jornalistas entre 1840 e 1860 em Belém:

Quadro 1 – Jornalistas da imprensa na Província do Grão-Pará nas décadas de 1840 a 60

1840			
Nome	Jornal		
Honório José dos Santos	Folha Comercial do Pará Treze de Maio (1840)	Raymundo José de Almeida Couceiro (editor e proprietário)	O Planeta (1849-1853)
Justino Henriques da Silva	O Publicador Paraense (1841-1853)	José Vicente Teixeira Ponce de Leão	O Planeta (1849-1853)
Joaquim Mariano de Lemos	O Paraense (1842-1844) O Tribuna do Povo (1844-1845)	José Mariano de Lemos	O Planeta (1849-1853) O Velho Brado do Amazonas (1850-1853)
Victorio de Figueiredo e Vasconcellos	O Tribuna do Povo (1844-1845) O Echo Independente (1848-1849) O Tolerante (1848)	José Joaquim Pimenta Magalhães	O Planeta (1849-1853)
João Antônio Alves (Bacharel em advocacia)	O Doutrinário (1848-1849)	Joaquim Rodrigues de Souza	O Planeta (1849-1853)
Raymundo Severino de Mattos (Cônego)	Synopsis Ecclesiastica (1848-1849)	1850	
Luiz Barroso de Bastos	Synopsis Ecclesiastica (1848-1849) A Trombeta do Sanctuário (1851-1852) O Communicador (1853?)	José Bernardo Santarém	O Velho Brado do Amazonas (1850-1853)
Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá	O Tolerante (1848)	Antônio Aguiar e Silva	O Velho Brado do Amazonas (1850-1853) O Piparote (1851-1853)
Bernardo Souza Franco	O Contemporâneo (1849)	Ismael de Senna Ribeiro Nery (padre)	A Voz Paraense (1850-1851) A Trombeta do Sanctuário (1851-1852)
		Manoel José de Siqueira Mendes (padre)	A Voz Paraense (1850-1851) A Trombeta do Sanctuário (1851-1852) Diario do Gram-Pará (1853-1892)
		Luiz A. Monteiro Baena (padre)	A Voz Paraense (1850-1851)
		Elisario Marques (cônego)	O Bom Paraense (1851-1852)

Lázaro Pinto Moreira Lessa	Correio dos Pobres (1851-1853)
Tito Franco de Almeida	O Grão-Pará (1851-1852) Aurora Paraense (1853-1855)
Dr. José Ferreira Cantão (responsável pelo jornal O Observador. Redator do Diário do Gram-Pará a partir de 1865).	O Observador (1851-1855) Diário do Gram-Pará (1853-1892)
Joaquim Mariano de Lopes	O Piparote (1851-1853)
Antônio Ricardo de Carvalho Penna	O Piparote (1851-1853) O Monitor (1852-?) Diário do Gram-Pará (1853-1892)
Eutychio Pereira da Rocha (cônego)	O Comunicador (1853?)
José Joaquim Mendes Cavallero (Fundador e principal redator)	Diário do Gram-Pará (1853-1892)
Antônio José Rabello Guimarães (Proprietário do Gazeta Oficial)	Diário do Gram-Pará (1853-1892) Gazeta Oficial (1858-1866)
Antônio Gonçalves Nunes	Diário do Gram-Pará (1853-1892)
Frederico Rhossard	Diário do Gram-Pará (1853-1892) A Violeta (1853-?)
Mancio Caetano Ribeiro (cônego)	Diário do Gram-Pará (1853-1892)

Thimóteo Teixeira	Diário do Gram-Pará (1853-1892)
Bento Aranha	Diário do Gram-Pará (1853-1892)
J. J. Mendes Cavalleiro	A Violeta (1853-?)
Antônio da Cunha Mendes (editor)	A Violeta (1853-?)
José Joaquim de Sá (proprietário)	Diário do Comércio (1854-?)
José do Ó de Almeida	O Colono de Nossa Senhora do Ó (1855-1858)
Tomaz Joaquim Celestino Nunes	O Boquinha de Moça (1856-?)
1860	
Cypriano José dos Santos	Jornal do Pará (1862)
Anselmo Gomes de Oliveira	Constitucional Paraense (1864)
Antônio Francisco Pinheiro	Diário de Belém (1868)
Domingos Soares Ferreira Penna	O Colombo (1869)
José Antônio Ernesto Pará-Assu	O Liberal do Pará (1869)

Fonte: Biblioteca Pública do Pará (1985).

Tendo como principais fontes de pesquisa o acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, nos setores de Obras Raras e Microfilmagem, o catálogo Jornais Paraoaras, da Biblioteca Pública do Pará (1985), Rocque (1967-1968, v. 1-6), Salles (1992) e Barbosa (2010), o estudo prossegue com levantamento sobre os seguintes jornalistas: Honório José dos Santos, Cypriano Santos, Tito Franco de Almeida, Frederico Rhossard, Bento Tenreiro Aranha e Manoel José de Siqueira Mendes.

1840 e o legado de Honório José dos Santos

O ano de 1840 em Belém, no contexto da imprensa, começa com destaque para a atuação de Honório José dos Santos. Livreiro e editor, Honório contribuiu à imprensa de Belém por meio dos jornais Folha Commercial do Pará (1837-1840) e Treze de Maio (1840-1862) e de sua tipografia chamada Santos & Menor (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Honório José dos Santos era carioca, nascido em 1801. Transferiu-se para Belém no ano de 1819 e, pouco depois, com vinte anos de idade, incorporou-se ao Primeiro Regimento de Milícias da Província do Grão-Pará (ROCQUE, 1968).

Depois de ser acusado de participar do golpe de 13 para 14 de abril de 1823, que visava à tomada do quartel e do parque de artilharia da capital, um protesto em apoio à Independência do Brasil, Honório dos Santos (e outros 266 homens) foi enviado para Lisboa a bordo do navio Andorinha do Tejo, onde foi aprisionado no forte de São Julião da Barra. Somente depois de reconhecida a Independência do Brasil, Honório José dos Santos voltou a Belém, já em 1824 e, por Decreto Imperial, foi nomeado guarda-mor da saúde (ROCQUE, 1968).

Contudo, segundo Rocque (1968), a verdadeira inclinação de Honório dos Santos era a imprensa. De posse do material tipográfico do jornal Correio do Amazonas, suspenso em 1834 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985), Honório fundou a tipografia Santos

& Menor, criando em 1837 o primeiro jornal da Província pós-Cabanagem, a Folha Commercial do Pará, que durou até 1840, quando Honório “resolveu (...) criar um novo órgão de publicidade que melhor preenchesse os fins utilitários da divulgação das ideias” (ROCQUE, 1968, p. 1553).

Figura 1 – Treze de Maio, n° 301, 15 de abril de 1843, p. 1.



Foi então que o jornalista instituiu o Treze de Maio (Figura 1), órgão oficial do governo e primeiro jornal de longa duração na história da Província do Grão-Pará (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). O título do periódico faz referência à entrada das tropas do general

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Francisco José de Souza Soares de Andréa na capital

paraense, pondo fim às lutas da Cabanagem em Belém (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). No editorial da edição de 13 de maio de 1840 do jornal, acessada no formato de microfilme na Biblioteca Pública Arthur Vianna, encontra-se o seguinte posicionamento quanto ao seu título:

Nem um título nos pareceu mais adequado que o de = Treze de Maio = d'esse dia memorável nos fastos da história Paraense, - dia de doces recordações, em que a legalidade conseguiu triunfar dos desastrosos feitos e negros planos da rebeldia, - apoderando-se da Capital da Província (TREZE DE MAIO, 13 mai. 1840, p. 1).

O conflito do dia 13 de maio foi o desfecho da revolta popular que mobilizou a Província do Grão-Pará contra o poder político-administrativo local. Segundo Salles (1992, p. 133), “a Cabanagem se caracterizou como movimento tipicamente social, com alguma expressão de autêntica guerra de libertação”.

Os cabanos haviam tomado o poder da cidade no dia 07 de janeiro de 1835. “Apanhados de surpresa, apesar dos constantes rumores sobre a invasão, as forças governistas não puderam opor grande resistência” (ROCQUE, 1968, p. 149). Contudo, a vitória da revolução não significou paz para a Província, devido aos conflitos entre os líderes do movimento, que resultaram em sucessivas mudanças na presidência da capital, assim como em repetitivos ataques entre a elite e os cabanos⁵. Foi então que, a 13 de maio de 1836, o general Andréa retomou o poder que havia sido conquistado pelos revolucionários e, de acordo com Salles (1992), implantou um regime déspota, cuja consequência, no contexto da imprensa, foi a extinção de praticamente todos os jornais revolucionários e políticos no Pará.

Os últimos jornais publicados nessa fase revolucionária circularam em 1835: o Pacote do Governo, em 3 de fevereiro; o Publicador Oficial Paraense, em 28 de março; e A Sabatina, em julho, cessando todos a publicação no mesmo ano. O primeiro foi tirado debaixo do governo de Félix Antonio Clemente Malcher e os dois últimos também no governo cabano de Francisco Pedro Vinagre (SALLES, 1992, p. 120-121).

O Treze de Maio foi o segundo periódico pós-Cabanagem a circular na Província, saindo inicialmente com periodicidade bissemanal, às quartas e sábados e, a partir de 1º de outubro de 1855, de forma diária. O jornal foi um dos de maior duração de sua época, encerrando suas atividades a 31 de outubro de 1862, substituído pelo Jornal do Pará

⁵ Para detalhes conferir ROCQUE, Carlos. Grande Enciclopédia da Amazônia. v. 2, 1968, p. 349-350.

(BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Na edição de 13 de maio de 1840 é possível ter acesso ao seu prospecto:

Authorizados pelo Exm^o. Governo da Província a publicar os seus actos, encarregamo-nos do cumprimento d'este dever com inexplicável satisfação porque acreditamos que com este nosso proceder fazemos um serviço á nossa Província, cujo estado, circunstâncias e melhoramentos levamos d'est'arte ao conhecimento de nossos concidadãos das mais distantes Províncias (TREZE DE MAIO, 13 mai. 1840, p. 1).

Os primeiros tipógrafos auxiliares do jornal foram os escravos Cyrillo, Camillo e Joaquim, aos quais Honório dos Santos ensinou o ofício (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). De acordo com Rocque (1968), o objetivo de Honório, ao redigir o Treze de Maio, era produzir uma folha mais informativa que opinativa. “Publicando também o expediente do governo provincial, constituem as suas coleções um riquíssimo depósito de dados históricos da vida administrativa do Pará” (ROCQUE, 1968, p. 1553). As matérias, dispostas em duas colunas, não apresentavam assinatura e o texto era escrito majoritariamente em terceira pessoa, inclusive quando fazia referência ao seu próprio redator.

Além de seus próprios jornais, Honório dos Santos produzia obras e trabalhos de diversos gêneros em sua tipografia Santos & Menor. Rocque (1968) destaca o “Compêndio das Eras” (1838) e “Ensaio Corográfico” (1839), de Antonio Ladislau Monteiro Baena⁶, como obras de destaque impressas pela firma.

O legado de Honório dos Santos sobreviveu para além dele mesmo, que faleceu em Belém a 23 de janeiro de 1857, aos 56 anos de idade. O Treze de Maio circulou até 1862 e a tipografia Santos & Menor continuou funcionando por várias gerações (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). “Assim a razão social se modificou sucessivamente de Santos & Menor para Santos & Menores, Santos & Filhos e Santos & Irmãos” (ROCQUE, 1968, p. 1553). No acervo de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna, é possível encontrar documentos de governo e livros diversos impressos pela firma, inclusive obras de outros jornalistas, como no caso do título “Obras Literárias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha”, publicado por João Batista Tenreiro Aranha, no ano de 1850, e “Ordem

⁶ Consagrado historiador e geógrafo, nascido em Portugal, pai de Antônio Baena, importante político que exerceu diversos mandatos no Senado de Belém (CRUZ, 2013, p.45).

do dia. A questão das carnes verdes ou Apontamentos sobre a criação do gado na Ilha do Marajó”, de Tito Franco de Almeida, do ano de 1856.

Cypriano Santos, filho e neto: herança familiar no jornalismo impresso de Belém

O legado de Honório José dos Santos durou para além de sua própria existência. Seu trabalho no jornalismo paraense prosseguiu a cargo de seu filho Cypriano José dos Santos, que herdou a tipografia Santos & Menor e deu seguimento à impressão dos periódicos (MENDES, 2013): o Treze de Maio, que se encerrou a 31 de outubro 1862, e o substituto Jornal do Pará, que começou a circular a 4 de novembro de 1862 e durou até 10 de novembro de 1878. No ano de 1862, a tipografia da família Santos já se chamava Santos & Irmãos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Figura 2 – Jornal do Pará, n° 75, 1 de abril de 1868, p. 1.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional.

O Jornal do Pará (Figura 2) era redigido diariamente por Cypriano José dos Santos e se declarava político, comercial, literário e noticioso, tornando-se órgão oficial do Governo a partir de 13 de novembro de 1866 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Com essa configuração, “trazia em suas páginas um forte caráter político, entretanto, publicava sobre diferentes assuntos, vislumbrando agradar o disputado público” (MENDES, 2013, p. 3).

Como um negócio de família, Cypriano José dos Santos transferiu o ofício para seu filho homônimo: Cypriano Santos. Assim, o neto de Honório dos Santos, nascido em Belém a 11 de dezembro de 1859, foi o terceiro da geração a herdar a tipografia e a prática do jornalismo. Antes disso, porém, fez o curso de Humanidades e, no início do ano de 1880, viajou para a Bahia, onde se formou na Faculdade de Medicina cinco anos mais tarde (ROCQUE, 1968). De volta a Belém, em 1886, Cypriano Santos se filiou primeiro ao Partido Conservador e, depois, ao Partido Radical, dando início aos seus envolvimento políticos, como detalha Rocque (1968):

A evolução política do Estado na marcha dos acontecimentos que se foram desdobrando desde a implantação do regime republicano, conduziu-o ao exercício de vários cargos eletivos, entre os quais o de deputado do Congresso ao Estado, fazendo parte da Constituinte. Com a morte de Raymundo Joaquim Martins [pai de Enéas Martins] Cypriano Santos foi levado à Presidência da Câmara em legislaturas sucessivas (ROCQUE, 1968, p. 1553, grifo nosso).

Ao lado do companheiro de partido Enéas Martins, Cypriano Santos fundou o jornal *Folha do Norte*, em janeiro de 1896, cujo objetivo principal era “lutar pelo desenvolvimento político e social da região”, defendendo o partido de Lauro Sodré em oposição ao de Antônio Lemos⁷ (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 154 e 155).

Contudo, a parceria se desfez durante o governo estadual de Enéas Martins (1914), momento em que Cypriano Santos assumiu a direção da *Folha do Norte* e, “discordando da ação política de Enéas Martins, rompeu com este, dando início à violenta campanha contra o antigo colega de jornal” (ROCQUE, 1968, p. 1553).

Com o rompimento, Cypriano Santos se tornou o único proprietário e diretor da *Folha do Norte* e, após a deposição do antigo parceiro de jornal, em 1916, “sua influência passou a ser das maiores nas decisões políticas do Pará” (ROCQUE, 1968, p. 1553). Um ano depois, eleito Senador Estadual e Intendente Municipal de Belém, Cypriano Santos passou a propriedade da *Folha do Norte* para Paulo Maranhão,⁸ jornalista que mudou o direcionamento político do jornal e o dirigiu até sua morte, em 1966 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Tito Franco de Almeida e os vestígios de Aurora Paraense

Belenense, nascido a 4 de janeiro de 1829, Tito Franco de Almeida era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de Olinda (1850), Pernambuco. Antes disso, fez em Lisboa seus estudos básicos, a mando do pai Joaquim Inácio de Almeida, advogado, e da mãe Maria Romana de Almeida (CUNHA, 1970).

Quando retornou à Província do Pará, já em janeiro de 1851, fez carreira no Liceu Paraense, no curso de Filosofia, destacando-se por suas qualidades intelectuais, como

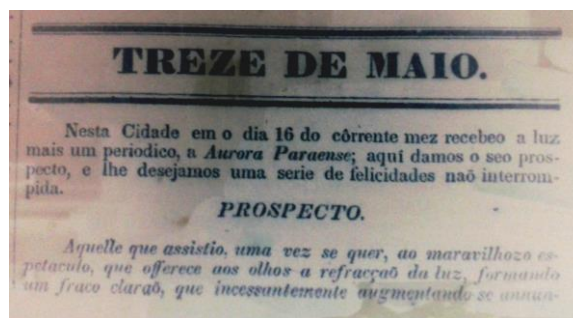
⁷ Lauro Sodré foi político, militar e líder do Partido Republicano Federal no Pará (BORGES, 1986). “Antonio José de Lemos, considerado o responsável pela feição da belle-époque que se instaurou em Belém, foi intendente municipal durante 14 anos, tendo sido eleito pela primeira vez em 1897 e renunciado ao mandato, após várias reeleições, em junho de 1911” (SARGES, 2002, p. 23, grifos da autora).

⁸ João Paulo Albuquerque Maranhão foi jornalista, professor e literato. “Mais conhecido como Paulo Maranhão, podia ser considerado a voz e a alma da *Folha*, a partir de determinado período. Ficou conhecido pelo domínio da escrita com textos críticos, contundentes, mas também profundos e poéticos” (MASSARANI, SEIXAS, CARVALHO, 2013, p. 289).

evidencia Cunha (1970, p. 140): “Já o ilustre paraense havia manifestado a posse de uma inteligência privilegiada fora do comum”.

Foi nesse período, entre 1853 e 1855, quando ainda estava na docência, que Tito Franco de Almeida deu início ao jornal *Aurora Paraense*, tendo o primeiro número entrado em circulação em 16 de novembro de 1853 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Não há números do periódico disponíveis em acervo para análise, contudo, foi encontrada, na edição de 19 de novembro de 1853 do jornal *Treze de Maio* (Figura 3), a seguinte menção ao *Aurora Paraense*:

Figura 3 – *Treze de Maio*, nº 255, 19 de novembro de 1853, p. 2.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Na leitura do Prospecto do *Aurora Paraense* é possível perceber traços de reflexões poéticas e filosóficas, o que indica o provável nível de erudição de seu autor, como no trecho transcrito a seguir:

Aquelle que assistio, uma vez se quer, ao maravilhoso espetaculo, que offerece aos olhos a refração da luz formando um fraco claraõ, que incessantemente augmentando se annuncia e previne o dia; aquelle que uma vez assistio ao erguer de Deosa da manhã – a Aurora – que abre as portas do dia, e filha do ar e do sol tem seo throno na athmosphera donde communica à natureza todo o movimento e a vida; não terá de certo assistido de sangue frio a um espetaculo taõ grande, taõ bello, taõ delicioso... (TREZE DE MAIO, 19 nov. 1853, p. 2-3)

O texto continua fazendo metáforas e alusões, nas quais a “aurora” representa a saída das trevas para a luz, uma “aurora dos povos”, sob a qual se encontrava a Província do Grão-Pará, depois de passados os anos tumultuados de “dissenções civis” e, agora, com o começo do periódico representando “a tradução da aurora social da (nossa) terra”: “Ella (*Aurora Paraense*) procurará que o ponto de luz; que ora appareceu no nosso horizonte, encha em breve todo o espaço; e que as nuvens rarefeitas não mais se condensem para toldar-nos o Céu límpido e puro...” (TREZE DE MAIO, 19 nov. 1853, p. 3).

No Prospecto também foi apresentado o posicionamento político do jornal, onde se afirma que a bandeira que a Aurora Paraense seguirá é “nenhuma, ou todas em que se ler a patriótica inscrição – melhoramentos, moraes e materiaes” (TREZE DE MAIO, 19 nov. 1853, p. 3). Logo à frente o texto conclui que deseja para a Província um progresso “pausado”, “refletido” e “seguro”, e que estará do lado do partido que garantir essas benesses ao povo paraense.

Apesar da aparente isenção partidária do Aurora Paraense, que circulou até 1855 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985), Tito Franco de Almeida possuía relações políticas, já que, de acordo com Cunha (1970), o jornalista foi eleito por várias vezes Deputado da Assembleia Legislativa e, em 1856, tornou-se membro da Câmara Temporária da Nação, sendo escolhido como Primeiro Secretário por unanimidade de votos (CUNHA, 1970, p. 141).

Nos anos seguintes da sua carreira, Tito Franco de Almeida continuou a assumir cargos públicos, como o de Diretor Geral da Secretaria dos Negócios da Justiça, Redator Chefe do Diário Oficial do Império, chefe do Partido Liberal, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Real Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto dos Advogados e também Conselheiro do Estado, este já em 1864 (CUNHA, 1970).

Mesmo com essa extensa lista de atuação e o fim de Aurora Paraense, Tito Franco de Almeida não deixou de lado a imprensa. O jornalista, que “dispunha de linguagem fluente e fascinadora de maneira que a sua palavra era sempre recebida com especial agrado” (CUNHA, 1970, p. 141), também teve artigos publicados no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro assinados com o pseudônimo “O Canonista” (CUNHA, 1970).

Tito Franco de Almeida também redigiu para outros jornais ao longo de sua vida, tais como Diário do Gram-Pará (1853-1892), Jornal do Amazonas (1860-1868), O Liberal do Pará (1869-1889). Depois de instaurada a República, em 1889, Tito Franco de Almeida se declarou monarquista, “recolheu-se à vida privada e, continuando somente a figurar brilhantemente na advocacia e na imprensa” (CUNHA, 1970, p. 143).

1853: os jornalistas do Diário do Gram-Pará

O Diário do Gram-Pará (Figura 4) foi o primeiro jornal diário de Belém, fundado a 10 de abril de 1853. Ao lado do Treze de Maio, foi um dos mais duradouros durante o

período imperial, chegando até 15 de março de 1892 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Figura 4 – Diário do Gram-Pará, 9 de setembro de 1853, p. 1.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Foi fundado pelos portugueses José Joaquim Mendes Cavalleiro e Antônio José Rabello Guimarães. “Como em 1865 o primeiro, por questões políticas, foi deportado para Portugal, o jornal mudou de donos e de redatores” (ROCQUE, 1976, p. 12). Passaram a assumir a responsabilidade pelo jornal o Dr. José Ferreira Cantão, Antônio Gonçalves Nunes, Antônio Ricardo de Carvalho Penna, Thimóteo Teixeira, Frederico Carlos Rhossard, Bento Aranha e Cônego Siqueira Mendes (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Dentre a bibliografia consultada, foram encontradas informações sobre os três últimos nomes.

Frederico Carlos Rhossard foi poeta e jornalista, nascido em Belém na data de 23 de junho de 1868. Nas palavras de Rocque (1968), o jornalista possuía uma personalidade que combinava arte e escrita ao mesmo tempo: “Frederico Rhossard viveu intensamente a sua época. Sua obra conhecida continua esparsa nos jornais e revistas do Pará” (ROCQUE, 1968, p. 1491). Rhossard começou a trabalhar na imprensa aos 17 anos de idade, em 1885, e ao longo de vinte anos de carreira, redigiu O Diário do Gram-Pará, Diário de Belém, Comecio do Pará e A Arena (ROCQUE, 1968).

Contudo, segundo o mesmo autor, foi em A Província do Pará que Frederico Rhossard realmente “pôs em evidência suas múltiplas aptidões de poeta, crítico, polemista, jornalista” (ROCQUE, 1968, p. 1491). Depois de passar quatro anos vivendo no sul do país, seguindo até Santos, Rhossard foi nomeado guarda-mor da Alfândega, transferido para Maceió e para a Bahia, para somente em 1897 retornar a Belém e ingressar outra vez em A Província do Pará, onde trabalhou por mais um ano (ROCQUE, 1968).

Também na redação do jornal Diário do Gram-Pará estava Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, outro jornalista cuja imprensa paraense está presente em seu histórico familiar. Neto de poeta homônimo e filho de João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha,⁹

⁹ Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha foi um intelectual nascido a 4 de setembro de 1769, na antiga Comarca do Rio Negro. Foi diretor de Oeiras, vila de índios, abandonando o cargo para assumir posto de escrivão na Alfândega do Pará. Mais tarde recebeu vitaliciedade ao ser admitido à Mesa Grande do Pará. Faleceu sem publicar nenhuma obra, porém, em 1850 teve seus escritos publicados pelo filho, João Batista (ROCQUE, 1967). João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, por sua vez, foi político e administrador, ajudou na emancipação da província do Amazonas, tornando-se o seu primeiro

“Bento Aranha, por sua ancestralidade, estaria ligado à classe dos grandes proprietários da região, mas a fortuna de sua família foi arruinada na época da guerra dos cabanos” (SALLES, 1992, p. 173). Sem recursos financeiros para pagar seus estudos, tornou-se autodidata e, em 1858, entrou para a redação do Diário do Gram-Pará.

O terceiro nome encontrado na pesquisa foi o do padre Manoel José de Siqueira Mendes, nascido em Cametá no dia 6 de setembro de 1825, onde cresceu e fez o curso primário, mudando-se para Belém a pedido de Dom Romualdo Coelho, bispo da Província do Pará (VALENTE, 1993).

Segundo Valente (1993), Siqueira Mendes tinha três paixões: o jornalismo, a educação e a política. Na área da educação, foi aluno e mestre no Seminário de Belém e, no Liceu Paraense, ministrou o curso de latim. Fundou dois colégios chamados Santa Cruz, um na capital da Província e outro no interior, em Cametá (VALENTE, 1993).

Sua carreira jornalística se iniciou no ano de 1850, ao lado dos padres Ismael de Senna Ribeiro Nery e Luiz Antônio Monteiro Baena, na redação do jornal A Voz Paraense (1850-1851) e, em seguida, no jornal A Trombeta do Santuário (1851-1852), que substituiu o periódico religioso Synopsis Ecclesiástica (1848-1849) (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1995).

Siqueira Mendes também fez carreira política. Teve destaque na atuação pelo Partido Conservador, foi deputado provincial, vice-presidente do Estado, trabalhou por 21 anos no Parlamento Nacional até que, em 1889, foi transferido para o Senado Imperial (VALENTE, 1993). Com a Proclamação da República, o Senado foi extinto e, segundo Valente (1993), Siqueira Mendes passou a reunir adeptos para um novo partido de cunho republicano, até que precisou seguir viagem para o Ceará, em razão de sua saúde abalada.

Padre, político e jornalista, Siqueira Mendes faleceu aos 67 anos de idade, em Fortaleza, a 5 de maio de 1892. No Pará, o governo havia autorizado que uma estátua fosse erguida em homenagem ao falecido, mas, em vez disso, o nome de Siqueira Mendes foi dado à primeira rua de Belém, a antiga Rua do Norte (VALENTE, 1993).

No levantamento feito neste trabalho, as principais informações sobre os jornalistas pesquisados foram reunidas para, então, ser elaborada a seguinte sistematização de resultados:

presidente. Também se destacou na imprensa do período pré-cabanagem, defendendo ideais contrários aos de Batista Campos, um dos principais líderes do movimento cabano (SALLES, 1992).

Quadro 2 – Profissionais de destaque da imprensa paraense entre os decênios 1840 e 1860

Nome	Nascimento Falecimento	Nome do Pai	Jornal	Formação	Outros empregos
Honório José dos Santos	1801-1857	?	Folha Commercial do Pará (1837) Treze de Maio (1840)	?	Tipógrafo Editor Livreiro
Cypriano José dos Santos	?	Honório José dos Santos	Treze de Maio (1840) Jornal do Pará (1862)	?	?
Cypriano José dos Santos	1859-1923	Cypriano José dos Santos	Folha do Norte (1896)	Humanidades e Medicina	?
Tito Franco de Almeida	1829-1899	Joaquim Inácio de Almeida, advogado	Aurora Paraense (1856) Diario do Gram-Pará (1853) Jornal do Amazonas (1860) O Liberal do Pará (1869)	Ciências Jurídicas e Sociais - Academia de Olinda	Professor de Filosofia Servidor Público Político
Frederico Carlos Rhossard	1868-?	?	A Província do Pará Diario do Gram-Pará (1869) Diario de Belém Comércio do Pará A Arena		Poeta Jornalista Servidor Público
Bento de Figueiredo Tenreiro Araha	1840-1919	João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha	Diario do Gram-Pará (1869)		Jornalista Político

Fontes: Biblioteca Pública do Pará (1985), Salles (1992), Rocque (1967-1968), Cunha (1970), Valente (1973).

O Quadro 2 foi desenvolvido com base no panorama feito pela pesquisadora Marialva Barbosa, no livro *História Cultural da Imprensa – Brasil 1800-1900* (2010, p. 146-148).

Conclusão

Para compreender melhor a forma como se constituía a imprensa paraense do século XIX, esta pesquisa buscou conhecer alguns dos jornalistas de destaque em Belém, entre os decênios de 1840 e 60, que trabalharam nos periódicos mais expressivos da época e deixaram marcas na história do jornalismo impresso da cidade.

Com base no Catálogo de Jornais Paraoaras da Biblioteca Pública do Pará (1985), foram identificados quarenta e três nomes de jornalistas entre 1840 e 1860. A partir de então, foi feita uma seleção de alguns deles para análise, a partir de critérios como a disponibilidade de informações por meio do material bibliográfico e a duração dos jornais nos quais trabalharam. Os jornalistas pesquisados foram os seguintes: Honório José dos Santos, Cypriano Santos, Tito Franco de Almeida, Frederico Rhossard, Bento Tenreiro Aranha e Manoel José de Siqueira Mendes.

Foi possível perceber que a maior parte da formação dos jornalistas daquela época era voltada para a área de Humanidades. Muitos eram professores, médicos e servidores públicos e, de alguma maneira, a maioria deles tinha envolvimento com a política, seja por escreverem um jornal oficial do Governo ou por assumirem cargos em instâncias públicas como o Senado, o Governo ou a Presidência da Província. Para alguns, também, a imprensa havia se tornado um negócio de família, como foi o caso de Honório José dos Santos, cujo filho e neto, ambos chamados Cypriano Santos, assumiram o jornalismo como profissão. Bento Tenreiro Aranha também era filho de jornalista, o redator de A Opinião (1831) João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Percebe-se também uma mudança na relação entre política e imprensa: a política continuava presente nos periódicos, mesmo quando os veículos não eram exclusivamente partidários, e os jornais passaram a ter uma linguagem menos violenta e insultuosa em relação a que apresentavam, por exemplo, durante os conflitos civis na década de 1830. Compreende-se, portanto, que a imprensa paraense vinha se estabelecendo e atuando de forma expressiva no Estado e que, à altura das décadas de 1840-60, já se encontrava bem mais desenvolvida em relação aos primeiros decênios do século XIX.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. Belém: CEJUP, 1986.

CUNHA, Raymundo Cyriaco Alves da. **Paraenses ilustres**. 3. ed. Conselho Estadual de Cultura. Belém, Pará, 1970.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**: significado histórico de suas denominações; ilustrações de Rufolf Riehl. – 2. ed. – Belém: CEJUP, 2013.

MASSARANI, Luiza; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; CARVALHO, Vanessa Brasil de. A ciência nas páginas da Folha do Norte: um olhar ao longo de oito décadas. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 283-300, jul./dez. 2013.

MENDES, Juliana Yeska Torres. **Jornal do Pará**: narrativas ficcionais ao rés-do-chão. Anais do SILEL. v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MOURÃO, Leila. Cooperativismo paraense: historia e memória. Juventude, educação e cooperativismo. In: ENCONTRO DE INVESTIGADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO, 5, 06-08 de ago. de 2008 – Ribeirão Preto, SP, p. 8-9. Disponível em: <file:///f:/ufpa%202015/trajet%c3%93ria%20da%20imprensa/intercom%20rio%202015/pesquisa/235-mourao.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. v. 1-6. Belém: Amazônia Editora, 1967-1968.

_____. **A história de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente” Antônio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; GUIMARÃES, Camila Lima; BEMERGUY, Danyllo Melo Pereira. Jornalismo paraense da década de 1830: personagens e histórias. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10, 2015, Porto Alegre, RS. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará**. Projeto de pesquisa, Edital Universal MCTI/CNPq N° 14/2012. Em andamento. Belém: UFPA, 2012.

VALENTE, José. **A história nas ruas de Belém**: Cidade Velha. Belém: CEJUP, 1993, p. 9-11.